

Plínio Fraga

Tancredo Neves, o príncipe civil



Copyright © 2017 by Plínio José da Fraga Júnior

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Arquivo Público Mineiro

Preparação

Diogo Henriques

Checagem

Rosana Agrella da Silveira

Pesquisa iconográfica

Gabriela Miranda

Índice onomástico

Probo Poletti

Revisão

Angela das Neves

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fraga, Plínio

Tancredo Neves, o príncipe civil / Plínio Fraga. –
1ª ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

ISBN 978-85-470-0026-4

1. Brasil – Política e governo 2. Brasil – Presidente
– Biografia 3. Neves, Tancredo, 1910-1985 4. Políticos
– Brasil – Biografia I. Título.

16-00303

CDD-320.981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil: Presidentes: Biografia 320.981

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editoraobjetiva
instagram.com/editora_objetiva
twitter.com/edobjetiva

*Toda política é uma obra de arte.*¹

*Uma nação é uma obra de arte e uma obra do tempo.*²

Benjamin Disraeli

Sumário

Prólogo: O homem e a ventura das missões	11
--	----

PARTE UM

1. 1984 – Em crise militar, fogo inimigo surge de combustão espontânea	23
2. 1954 – O estampido que mudou a República.....	58

PARTE DOIS

3. A linhagem dos Neves se estabelece	105
4. O craque da meia-esquerda se revela	119
5. A gangorra da política como profissão.....	138
6. O maestro na República de opereta e o parlamentarismo jabuticaba	167
7. Não há nada mais parecido com um conservador no poder do que um liberal no governo	191
8. Brasília, Carnaval e o parlamentarismo cai de imaturo	210
9. A canalha golpista	224
10. A tia que barrou a cassação de Tancredo.....	240

11. O ocaso, o acaso e o caso	247
12. Com o monstro no encalço	268
13. Os antagonistas: Lacerda e os americanos	280
14. Sobre tico-ticos, pardais e rola-bostas.....	290
15. Revolução e reforma, o pêndulo em movimento	311
16. A bomba que explodiu no colo do governo e a hora da virada	322

PARTE TRÊS

17. Os sintomas do tumor e a vitória do macho unissex.....	349
18. O governo que poderia ter sido.....	406
19. O ensaio da orquestra e o destino das vampes.....	429
20. O tempo em que as paredes ouviam e os cachorros falavam	465
21. Golpe e transição vistos por Washington.....	482
22. A via dolorosa até a subida da rampa	496
Epílogo: Dinheiro de sobra não sobra.....	549
<i>Cronologia</i>	573
<i>Agradecimentos</i>	577
<i>Notas</i>	581
<i>Bibliografia e entrevistas</i>	619
<i>Índice onomástico</i>	631

Prólogo

O homem e a ventura das missões

*A grande, sóbria esperança da Nova República é que
com Tancredo, nosso príncipe civil, a nação interiorize
de vez a vivência da democracia.*

José Guilherme Merquior³

O ano de 1984 despontou mais para a revanche festiva de Chico Buarque do que para a vigilância autoritária de George Orwell. Parecia raiar o outro dia prometido em “Apesar de você”.⁴ Não havia como se esconder da enorme euforia, com o renascimento das manhãs e o céu a clarear impunemente, sem que se pudesse abafar o coro a cantar. Aos poucos, a exigência da volta da democracia ganhou corpo e voz. Começou pelo coro de um punhado ali, outro acolá, até que, enraizando-se país adentro, tornou-se desejo único na garganta de todos.

Em 29 de fevereiro de 1984, um mar de gente se aglomerava no centro de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Um comício se realizava na simbólica praça da Estação. Faltava menos de uma semana do dia bissexto até o Carnaval. A festa tinha pouco a ver com a celebração profana, mas se associava a ela em ímpeto de fé. Pedia as eleições diretas para presidente da República. A última havia ocorrido 23 anos antes. Quase uma geração inteira fora cerceada na escolha do mandatário principal do país. Solstício de inverno que produziu a mais longa noite de autoritarismo.

Tancredo de Almeida Neves estava suado ao descer do palanque. Tinha às mãos um lenço branco. Vestia camisa social clara, com as mangas cuidadosamente arregaçadas, calças cinza, sapatos pretos. Era um homem miúdo. Media 1,60 metro.

— Ele me pareceu maior no palanque — eu disse ao amigo que me acompanhava.

— No palanque, ele é gigante — respondeu-me o jornalista Carlos Eduardo de Oliveira, repórter do *Estado de Minas*.

Não me lembro do discurso com o qual encerrou aquele comício. A memória só guardou a entonação forte da sua abertura na praça da Estação: “Mineiros...”. Nenhuma palavra a mais ficou retida. Somente o eco daquele chamado. Um ano depois, aos trancos e barrancos, uma nova ordem se constituiria. O chamamento atingiria a todos os brasileiros.

Ao completar 75 anos, em 4 de março de 1985, Tancredo de Almeida Neves tornou-se o mais velho dos presidentes eleitos na história brasileira. Deveria chefiar o 23º período de governo republicano, que se iniciaria em onze dias. Chegava ao poder com idade superior àquela em que seus antecessores haviam concluído o mandato. “Estou com uma saúde irritante”, rebatia.

Quatro presidentes foram eleitos com mais de 65 anos: Rodrigues Alves, Getúlio Vargas, Costa e Silva e Ernesto Geisel. Apenas Fonseca e Geisel chegaram ao fim dos mandatos. Alves, vítima da gripe espanhola, caminhava para o segundo termo, mas não chegou a tomar posse. Três presidentes completaram setenta anos no poder: Fernando Henrique Cardoso, Ernesto Geisel e Getúlio Vargas, que se mataria aos 71. Michel Temer é exceção. Chegou ao poder aos 75 anos, idade de Tancredo, mas sem ter sido eleito presidente. “O chanceler Konrad Adenauer reconstruiu a Alemanha com mais de setenta anos, e o jovem Nero, aos 27, tocou fogo em Roma”, respondia Tancredo quando questionado sobre a idade.⁵

Ao longo de sua vida pública, à exceção de mandatos parlamentares, Tancredo Neves jamais concluiu uma missão. Em geral, por razões alheias a si. Acontecimentos e circunstâncias impediram que atuasse plenamente nos postos que o destino lhe ofereceu — não chegou ao fim do exercício dos cargos de ministro, premiê parlamentarista, líder do governo e governador de Minas. No caso da presidência, tornou-se ex sem nunca ter sido.

O político que ouviu o maior líder nacional dar um tiro no peito em 1954, que intermediou a sobrevida do presidente da República em 1961, que foi derrotado no golpe de 1964, que se empenhou por 21 anos na resistência pacífica ao regime, que costurou a derrocada da ditadura em 1985 aceitando eleger-se presidente sob regras não democráticas, este político seria internado em estado grave às vésperas de ascender ao poder. “Não se tira o sapato antes de chegar ao rio. Mas também ninguém chega ao Rubicão para pescar”,⁶ gostava de repetir. Não atravessaria o Rubicão. Lançada a sorte ao avistar o rio,⁷ morreria ao chegar à margem.

A proposta de emenda constitucional que restabeleceria as eleições diretas para presidente da República empolgou o país por quase um ano. Fracassou em abril de 1984. Tancredo Neves, candidato da oposição, assumiu o encargo de disputar o pleito indireto no colégio eleitoral contra Paulo Maluf, o nome da situação. “É tapar o nariz com o lenço e ir ao Colégio Eleitoral, se isso for necessário. Pode ser ruim, mas não ir pode ser péssimo”, disse Tancredo.⁸

Venceu com tranquilidade em janeiro de 1985. A partir daí, ficaria atento a qualquer sinal de impedimento de sua posse, marcada para 15 de março, longos e arrastados dois meses depois da eleição. Mineiro é desconfiado mesmo. O filólogo Aires da Mata Machado Filho, que lançou o termo mineiridade em 1937,⁹ e depois Gilberto Freyre, que falou em “sociologia da mineiridade”, em 1946, queriam dizer o mesmo que Alceu Amoroso Lima:

O mineiro observa tudo o que se passa, sem dar sinal aparente de nada. Guarda tudo consigo para comentar mais tarde, calmamente. É o mais seguro sinal do espírito humorístico. O humor nunca se apressa, ao contrário da ironia corrente. Aguarda o momento oportuno, ou então, de propósito, o mais inoportuno. [...] O espírito revolucionário, quando existe em Minas, é antes superficial que sistemático. Facilmente vencido pelo bom humor ou pelo bom-senso, já que o mineiro, como o hindu, tem no sangue a tendência à resistência passiva, ao que poderíamos chamar de a boicotagem epigramática.¹⁰

Tancredo Neves simbolizou a oposição contrarrevolucionária, pacífica e maliciosa descrita por Amoroso Lima. Filho do comerciante Francisco de Paula Neves e de Antonina de Almeida Neves, a dona Sinhá, Tancredo nasceu em